

FIESP pede acordo político para dívida

São Paulo — O presidente da Federação das Indústrias do Estado (FIESP), Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho, destacou, ontem, que independente da posição dos países ricos, "só um acordo político entre os governos dos industrializados e dos subdesenvolvidos poderá viabilizar uma solução para as dívidas externas das nações pobres".

O empresário definiu como "infelizes" as declarações da Primeira-Ministra inglesa, Margaret Thatcher, sobre o condicionamento de uma discussão da dívida externa à venda dos recursos naturais e produção industrial. "Uma declaração nada apropriada para o atual momento", observou o presidente da FIESP, considerando que "isto não é nem um pouco lógico".

Já o vice-presidente da FIESP, Cláudio Bardella, não vê qualquer possibilidade de uma união dos devedores contra os credores e, muito menos, de um possível acordo de governo para governo. "Na minha opinião, os países devedores, através de seus governos, podem alertar para a gravidade da situação, mas acho que um acordo é bem difícil", comentou.

Para Bardella, as possíveis concessões extras que o FMI fará à Argentina fixará os parâmetros para a negociação que o Brasil fará com o Fundo, em outubro. "O resultado positivo ou negativo dessa renegociação é que nos dará o caminho a seguir daqui para a frente", observou.

O presidente da FIESP considerou "factível" a projeção que o Ministério do Planejamento fez para o Produto Interno Bruto (PIB) — crescimento de 1% este ano. Informou que o indicador do nível de atividades (INA) da indústria paulista voltou a apresentar crescimento, em abril, mantendo a recuperação iniciada em janeiro deste ano.